

Testemunho sobre Alberto Machado da Rosa

Fernando J.B. Martinho

Conheci Alberto Machado da Rosa em Portimão, através de um colega do Liceu, Dr. Margarida, açoriano como ele, porventura da mesma ilha, e que me sabia interessado em Literatura. Frisou que iria gostar de falar com ele. Foi isto em Setembro de 1964 e completara eu há pouco 26 anos. Escrevia poemas, de que alguns tinham vindo a público no princípio desse ano na *Antologia de Poesia Universitária*, sob o abstruso pseudónimo de João Columba, cedo, aliás, posto de parte.

Encontrámo-nos num café, creio que perto da Casa Inglesa, e apreciei logo o à-vontade em que me pôs. Sabia que, recentemente, ocupara, vindo da Universidade de Wisconsin, a cátedra de Português e Espanhol na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e tal circunstância podia intimidar-me na nossa conversa. Não lembro por onde andámos na nossa livre troca de impressões, mas há duas ou três coisas que nunca mais esqueci. Uma delas foi mostrar-me um postal que acabara de receber de Luciana Stegagno Picchio. Havia uma espécie de combinação entre os Lusitanistas da altura de enviarem uns aos outros notícias em postais ilustrados de lugares que visitassem. Mais interessante que a secura dos mails com que comunicamos hoje em dia... A outra foi informar-me de que um dos seus filhos, George, na altura com 15 anos de idade, era instigado pelos professores da escola secundária a fazer réplicas de textos poéticos de outras épocas, a fim de se familiarizar com os diferentes estilos de época.

Encontrava-se na altura a passar férias em Portimão com a família o pintor Luís Dourdil, que era meu amigo. Artista de alto gabarito, conversador admirável, e bom conhecedor de Literatura Portuguesa, seria excelente ideia juntar os dois num serão no meu apartamento. E assim acabou por acontecer. Foram momentos admiráveis, para nosso deslumbramento, de minha mulher, eu e Olinda, mulher de Dourdil, em redor de Eça, sobre o qual Alberto Machado da Rosa, que levava consigo George, publicara havia pouco o seu conhecidíssimo estudo *Eça, Discípulo de Machado?* Nossa filha, então com cerca de 4 meses, dormia o sono dos anjos. O livro de Machado da Rosa li-o com muito gosto e grande atenção, a avaliar pelos abundantes sublinhados que fiz, e nele me terá sobretudo seduzido a segurança da argumentação e o entusiasmo posto na defesa da tese apresentada, tudo servido por uma prosa ágil, que não deixava de considerar todos os ângulos das questões envolvidas, como tão bem ilustra a interrogação que figura no título. Aos estudiosos de Eça, que nunca fui, deixo o cuidado de se debruçarem, com outro detalhe, sobre o estudo do professor luso-americano que, em boa hora, aqui homenageamos.

Passado cerca de meio ano sobre o serão vivido em Portimão, voltámos a encontrar-nos em circunstâncias totalmente diversas, num apartamento que o casal Machado da Rosa alugara em Lisboa, na Rua Marquês de Fronteira, desta vez com a presença de Aldegice, que viria a ser uma das nossas maiores amigas depois da morte do marido em 1974. Passávamos na altura por um transe doloroso, com a nossa filha hospitalizada em Santa Maria, e a reunião para que fomos convidados tornou-se um sensível lenitivo para a nossa extrema aflição. Para o jantar estavam igualmente convidados o escritor açoriano Pedro da Silveira e sua mulher. A animação da conversa, muito

centrada na erudição de um e outro naturais das ilhas, de uma minúcia que ainda hoje me faz impressão lembrar, contribuiu de alguma forma para nos afastar do desânimo que então nos submergia. Aqueles dois senhores, Machado da Rosa e Pedro da Silveira, conheciam as coisas mais incríveis dos Açores e o ardor amigável com que as discutiam facilmente fazia com que eu e minha mulher, tão longe daquele universo, fôssemos tocados pela misteriosa amplidão do conhecimento humano. A nossa filha, felizmente, voltou a casa, e seguiu a vida dela, passando connosco as mudanças frequentes que sempre foi a vida de professores, fixando-se finalmente em Lisboa. Pedro da Silveira, falei com ele inúmeras vezes na Biblioteca Nacional, onde trabalhava, quando eu fazia pesquisa para a minha tese de doutoramento sobre a poesia portuguesa dos anos 50. Sempre que me perguntava se já considerara a presença de fulano tal no dito período, eu, já um tanto farto de poetas do tempo que brotavam do chão como cogumelos, respondia-lhe infalivelmente que sim, já inclusivamente tinha dito sobre ele o que havia a dizer. Sempre nos demos bem, e apreciava deveras a sua cáustica ironia.

No ano letivo de 1968/1969, fiz em Lisboa o estágio para docente efetivo do Ensino Técnico, tendo alugado casa na linha de Sintra. Soube, um dia, pelo jornal, que ia haver, no Grémio Literário, uma sessão, ao fim da tarde, com a presença de Agostinho da Silva e Alberto Machado da Rosa. Lá arranjei maneira de me deslocar ao Grémio, antes de regressar a casa. A conversa com os dois amigos versava a relevância da lusofonia, matéria que na altura ainda não estava propriamente na moda. Deliciou-me o bom humor e a ausência de solenidades académicas dos dois interventores (lembro que Agostinho da Silva escrevera o magnífico prefácio de *Eça, Discípulo de Machado?*). E houve no meio da sessão, quando falavam da fecunda diversidade do Português nos diferentes espaços onde se falava, um pequeno pormenor que nunca mais se me apagou da memória. Foi Machado da Rosa que esteve na sua origem. Dissertava ele sobre a velha questão da abertura das vogais no Português do Brasil e no fechamento das ditas em Portugal, usando como exemplo a pronúncia de “fenomenologia”. Foi um riso geral na seleta assistência do Grémio, com a marcação de cada sílaba bem aberta, em terras brasileiras e a sucessão ininteligível das vogais entre nós deste lado do Atlântico. Façam, sem preconceitos e cautelas, a experiência e verão que a reação da digna assembleia não era para menos...

Não voltei a ver o Prof. Machado da Rosa. Depois de completado o estágio, passei por Abrantes, onde ensinei durante um ano. Entretanto, recebi do então Instituto de Alta Cultura convite para um leitorado em Bristol, que aceitei com alegria. A experiência foi enriquecedora, criei alguns amigos no Departamento de Espanhol e Português, e dei-me muito bem com o responsável pelos Estudos Portugueses, Dennis Brass, que publicara em 1950 uma tradução dos *Bichos*, de Miguel Torga, (*Farrusco the Black Bird and Other Stories*) de que me fez oferta. Também me ofereceu um número da *Luso-Brazilian Review*, da Universidade de Wisconsin, onde figurava um seu artigo sobre o escritor que conhecera em Coimbra (“Sociologia na Obra de Miguel Torga”, Vol. VII, No. 2, December 1970). Entre os membros do conselho de redação da revista constavam os nomes de Alberto Machado da Rosa, que fora um dos seus fundadores, e o de Jorge de Sena, que então já deixara Madison, com destino a Santa Barbara.

Ora seria precisamente na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, que eu voltaria a ser Leitor de Português, e aí passaria, com a família mais uma vez, três dos mais importantes anos da minha vida docente, a que se acrescentou o nosso convívio quase diário com Jorge de Sena e Mécia de Sena, e seus filhos, na inolvidável atmosfera da Randolph Road. Já tive ocasião de dar conta do significado desse convívio em testemunho publicado na revista *Relâmpago*. Jorge de Sena foi um dos mestres decisivos da minha vida, e a gratidão que associo à sua memória não tem limites.

Em 1977, regressámos a Portugal, porque assim o aconselhava o percurso escolar de minha filha. Fomos viver para Évora. E aí reencontrámos Aldegice Machado da Rosa, que se tornaria uma das nossas mais íntimas amigas. Ela vivia no Louredo, nos arredores de Évora, onde construía uma

casa, de que uma ampla divisão iria ser destinada à biblioteca do marido, vinda de Los Angeles. Tanto quanto me lembro, contou na Califórnia, com a ajuda do saudoso Eduardo Dias, então ainda em exercício na UCLA. No Louredo, conhecemos Alberto, o filho mais velho, a mulher, Sylvie Deswarte, grande estudiosa da arte portuguesa do Renascimento, Maya, filha do casal, e Patrícia, que, recentemente, vim a saber ter falecido de doença oncológica. O Alberto júnior era visita assídua de minha casa, na Quinta da Vista Alegre, e levava consigo Maya, que, embora mais nova, gostava muito de estar com a Rute. Quando das comemorações do centenário de Sena na Biblioteca Nacional, Sylvie, que preparava uma exposição sobre Francisco de Holanda, comunicou-me a morte de Alberto.

Quando passei a ensinar na Faculdade de Lisboa nos começos dos anos 80, continuámos a visitar Aldegice, e foram muitas as férias que passámos em Cavaleiro, perto do Cabo Sardão, a seu convite. Serões inesquecíveis os que em Évora ou em Cavaleiro, vivemos, na companhia da serena energia de Aldegice, sempre generosamente aberta aos outros, sem abdicar das suas fundas convicções junguianas. Privilégios como o convívio com ela foi um dos raros que a vida nos concedeu, e ainda hoje, com a inevitável separação que os anos impõem, é com luminosa amizade, que nos lembramos do seu sorriso.